



## IMAGENS DE LUTA (2013-2015): “Terra, vida, justiça e demarcação”

## STRUGGLE IMAGES (2013-2015): “Land, life, justice and demarcation”

Fátima Costa de Lima e Lígia Marina de Almeida<sup>1</sup>

### Resumo

Este artigo visa compartilhar o projeto de pesquisa intitulado Imagens de Luta (2013-2015): “Terra, Vida, Justiça e Demarcação”. O projeto se propõe a coletar imagens dos Povos Originários da região geográfica que veio a se chamar Brasil num contexto específico: o de suas performances em situação de conflito com as políticas públicas do agronegócio. As imagens selecionadas receberão tratamento textual, tendo como modelo o catálogo *Kriegsfibel* [ABC da Guerra] de Bertolt Brecht.

**Palavras-chave:** povos originários do Brasil, agitprop, pedagogia, PEC 215.

### Resumen

Este artículo busca compartir el proyecto de investigación titulado *Imágenes de Lucha* (2013-2015): “Tierra, Vida, Justicia y Demarcación”. El proyecto se propone recolectar imágenes de los Pueblos Originarios de la región geográfica que se vino a ser llamada Brasil, en un contexto específico: el de sus performances en situación de conflicto con las políticas públicas del agronegocio. Las imágenes seleccionadas recibirán un tratamiento textual, teniendo como modelo el catálogo *Kriegsfibel* [ABC de la Guerra] de Bertolt Brecht.

**Palabras clave:** pueblos originarios de Brasil, agitprop, pedagogía, PEC 215.

### Abstract

The purpose of this article is to share the research project entitled *Struggle Images* (2013-2015): “Land, Life, Justice and Demarcation”. The project looks to collect images of the Native people of the geographical region known as Brazil, in a specific context: the one related to their performances in a confrontation situation against the public politics of the agribusiness. The images selected shall receive a textual treatment, having as a guide the *Kriegsfibel* [ABC of War] of Bertolt Brecht.

**Keywords:** native people of Brazil, agitprop, pedagogy, PEC 215.

<sup>1</sup> Fátima Costa de Lima é atriz e cenógrafa. Investiga teoria crítica e teatro político em espaços cênicos, imagens e alegorias. Professora e pesquisadora do Departamento de Artes Cênicas e do Programa de Pós-graduação em Teatro (sua atual coordenadora) do Centro de Artes da UDESC – [costadelimafatima@gmail.com](mailto:costadelimafatima@gmail.com). Lígia Marina de Almeida é mestranda do Programa de Pós-graduação em Teatro da Universidade do Estado de Santa Catarina (PPGT/UDESC), orientada pela Profa. Dra. Fátima Costa de Lima – [limarina70@gmail.com](mailto:limarina70@gmail.com). Ambas as autoras integram o Coletivo Imagens Políticas e o Grupo de Pesquisa CNPq Poéticas Políticas do Teatro Contemporâneo.

“Alguém na terra está à nossa espera.”

Walter Benjamin<sup>2</sup>

Este artigo visa compartilhar o projeto de pesquisa em andamento intitulado *Imagens de Luta (2013-2015): “Terra, Vida, Justiça e Demarcação”*. O projeto se propõe a coletar imagens dos Povos Originários da região geográfica que veio a se chamar Brasil num contexto específico: o de suas performances em situação de conflito com as políticas públicas do agronegócio estabelecidas em torno da “terra, vida, justiça e demarcação”. Trata-se, esta última, de uma consigna utilizada pela militante Guarani-Kaiowá Valdelice Verón (Aldeia Taquara - Juti/MS) para referir-se aos processos de luta por demarcação de terras indígenas no sul no estado do Mato Grosso do Sul<sup>3</sup>. As imagens selecionadas receberão tratamento conceitual, tendo como modelo o catálogo *Kriegsfibel [ABC da Guerra]*. Nele, o teatrólogo alemão Bertolt Brecht (1898-1956) catalogou e montou imagens jornalísticas do período da Segunda Grande Guerra, colocando-as em relação dialética com textos poéticos e críticos à situação mundial, naquele momento. O projeto se propõe a experiência similar, tomando como contexto situações de embate pelo pertencimento e pela posse da terra – e outras de aí decorrentes e/ou complementares - através da leitura de imagens desses conflitos, publicadas em redes sociais e agências de informação virtuais. O ponto de vista do projeto se situa na perspectiva das populações originárias e nos modos como elas encenam em imagens (corporais) sua luta pela terra.

Os objetivos gerais da pesquisa são: desenvolver pesquisa de imagens no contexto da luta pela terra dos povos originários do Brasil, coletar imagens midiáticas da luta pela terra dos povos originários do Brasil e analisar, nas imagens, o

modo como os povos originários do Brasil se confrontam simbolicamente com a cultura “civilizada” na luta pela terra. A investigação se propõe a entender as imagens como registros de rituais e ações simbólicas indígenas em territórios e situações de conflito, e delimita o recorte histórico no período compreendido entre abril de 2013 e dezembro de 2015. Toma como marco inicial o momento em que a Câmara dos Deputados do Brasil volta a debater a implementação da Proposta de Emenda Constitucional 215 (PEC 215/2000), sobre a demarcação de terras indígenas brasileiras, e como marco final a I Conferência Nacional de Política Indigenista, ambos eventos realizados em Brasília.

Onze de novembro de dois mil e quinze. O líder kayapó Raoni é fotografado durante a Mobilização Nacional Indígena, no Distrito Federal, trajando uma camiseta amarela com o texto: “STOP Belo Monte!” A fotógrafa Maira Irigaray, da agência Amazon Watch, registra a liderança indígena em primeiro plano, nitidamente. Em segundo plano, já um pouco desfocado, pode-se ver a polícia em ação utilizando bombas de gás lacrimogêneo contra os manifestantes. Em terceiro plano, o coro de manifestantes em meio à fumaça e em quarto plano o que parece ser o Congresso Nacional.

Tomaremos essa foto como exemplo da metodologia do projeto, descrita a seguir, por etapas.

Numa primeira etapa, apresentamos o método de seleção da imagem. Iniciamos colocando no sítio de busca de informações Google as palavras que dão título à pesquisa: “Imagens de luta (2013-2015): terra, vida, justiça e demarcação” e palavras correlatas (como PEC 215, por exemplo). Depois, passamos a investigar uma lista extensiva de imagens relacionadas com os termos da busca. Cada uma das imagens citadas na lista conduz a outras,

<sup>2</sup> Benjamin, 1987, p. 223. Tese 2 Sobre o conceito de história.

<sup>3</sup> Tais palavras foram proferidas um pouco antes da morte (assassinado por fazendeiros da região) pelo Cacique Marcos Verón, pai de Valdelice Verón, na luta pela justa demarcação da Aldeia Taquara.

além de revelar sítios eletrônicos antes desconhecidos por nós. Também investigaremos sítios como o Greepeace, o CIMI (Conselho Indigenista Missionário) e a Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (parceiros das lutas indígenas por terra), além da grande mídia como, por exemplo, UOL, Folha de São Paulo (SP) e Globo (RJ). A escolha dessas fontes jornalísticas na pesquisa responde ao método de montagem que iremos aplicar em seu tratamento: recorta-las da fonte original de sua exposição e reposiciona-las em outro conjunto, priorizando a operação dialética entre as imagens, entre imagens e textos. Esta é uma metodologia empregada na construção do ABC da Guerra, de Bertolt Brecht.

No que diz respeito ao nosso exemplo – a fotografia de Raoni -, ela foi escolhida não apenas pelo modo de composição fotográfica da fotógrafa, que apresenta o mérito de revelar o conflito e a violência a que se encontram submetidos os povos originários do Brasil. Em sua segunda etapa, à metodologia deste projeto interessa analisar a composição fotográfica quando, por exemplo, a imagem mostra a vestimenta de Raoni: uma camiseta em que está escrita a mensagem em inglês “STOP Belo Monte!”. Atentamos ao propósito propagandístico do uso da peça e à percepção de Raoni de que fotógrafos e jornalistas espalharão sua imagem nas mídias nacionais e internacionais. Nesse sentido, a escolha da palavra “STOP” pode contribuir para a difusão da causa indígena para além de falantes de português e línguas indígenas tradicionais.

A atenção a técnicas e estratégias corporais, lidas na imagem, indicam a performatividade da luta

política indígena através da identificação do efeito social decorrente da ação ritual. Indicam também a utilização política e consciente das imagens pelos povos originários, conforme o sentido atribuído ao uso de imagens por Bertolt Brecht:

Porque imagens? Porque para saber há que saber ver. Porque um documento é mais difícil de refutar que um discurso. (...) A verdade é concreta. (...) Ver nos permite saber e, inclusive, antecipar algo do estado histórico e político do mundo e a montagem dessas imagens funda toda sua eficácia em uma arte da memória. (BRECHT in DIDI-HUBERMAN, 2008, p. 41-43)<sup>4</sup>

Trata-se, pois, de refletir sobre imagens configuradas em prol da resistência política ao atual “estado histórico”. São imagens que, ao mesmo tempo em que denunciam a barbárie civilizatória, preparam o futuro nelas antecipado e construído por estes povos originários, de maneira consciente, nos modos de produção das imagens, ou seja, em sua “montagem”.

Dois de outubro de dois mil e treze. A Comissão Guarani Yvyrupa (SP), juntamente com outros movimentos sociais, tingem de tinta vermelha os dorsos dos que representariam os povos originários (e negros) no Monumento às Bandeiras, de autoria de Victor Brecheret, localizado nas proximidades do Parque do Ibirapuera, na cidade de São Paulo. Além da exposição simbólica do sangue que foi derramado pela ação bandeirante no Brasil, se posicionam em grande grupo na frente dos “homens brancos de pedra” do monumento, e abrem a sua faixa: GUARANI RESISTE, DEMARCAÇÃO JÁ.

<sup>4</sup> Tradução livre das autoras do artigo. Em espanhol: “Por qué imágenes? Porque para saber hay que saber ver. Porque un documento é mais difícil de refutar que un discurso de opinión. (...) La verdad es concreta. (...) Ver nos permite saber e, incluso, anticipar algo del estado histórico y político del mundo, es que el montaje de las imágenes funda toda su eficacia en un arte de la memoria.”



Tal ação foi uma das mais noticiadas acerca da luta indígena – envolvendo diversas etnias e localidades brasileiras - contra a PEC 215, proposta apresentada à Câmara dos Deputados em 28 de março de 2000 pelo então deputado Almir Sá. Em abril de 2013, foi organizada (pela bancada ruralista) uma comissão especial para examinar e emitir parecer sobre essa proposta. Caso seja aprovada, a competência para a demarcação de terras no país passa da União para o Congresso Nacional, possibilitando a revisão de terras já demarcadas, além da criação de novos critérios e procedimentos para a demarcação de novas terras. Segundo vários setores indigenistas, a proposta é inconstitucional e fere direitos fundamentais dos povos originários em prol do fortalecimento do agronegócio brasileiro, suportado pela bancada ruralista dentro da Câmara dos Deputados e pela atual Ministra da Agricultura, Kátia Abreu.

Frente à ameaça de extinção - somada aos números alarmantes atuais de mortes de indígenas no país por suicídio<sup>5</sup>, assassinato ou fome -, grupos indígenas de todo país continuaram e aumentaram o número de manifestações contra a PEC 215, contra o genocídio indígena e pela demarcação urgente de suas terras. Além disso, tendo em vista o desenvolvimento das tecnologias de informação audiovisual e o espalhamento de notícias de forma rápida via redes sociais (facebook, twitter etc.), vários desses grupos passam a se apoiar e a se utilizar dessas ferramentas a fim de garantir a divulgação nacional e internacional de sua situação, bem como para convocar mais adeptos à causa, assim como também para proteção de seus corpos reais.

Frente a este arsenal midiático - posicionado tanto a favor quanto contra a causa, operando em prol e contra os dois lados do conflito -, surgem as

questões: como os grupos indígenas em luta se posicionam? Como se dão a ver? Quais as estratégias corporais de denúncia das atrocidades que os atingem? Como compõem suas manifestações? Quais são os rituais e as práticas criadas e desenvolvidas para a luta por suas terras, suas vidas e justiça?

Quatro de dezembro de dois mil e catorze. Indígenas da etnia Carajás armam em frente ao Palácio do Planalto um totem (com estrutura de uma palmeira) em que se pode ver uma foto da presidenta Dilma Roussef ao lado da então senadora do PMDB, Kátia Abreu (bancada ruralista). Na foto, indígenas paramentados com pinturas corporais e adornos “tradicionais” em sua cultura se posicionam com arco e flecha em mãos, apontando para o totem e paralisando, nesta posição, para as câmeras.

A Rússia soviética pós-Revolução de 1917 desenvolveu o que passamos a chamar de Agitprop (contração da expressão “agitação e propaganda”). Naquele momento histórico, era necessário informar e convidar à causa revolucionária socialista a população de um país quase continental em extensão, com alta taxa de analfabetismo, sendo que o papel era escasso. Para realizar esta tarefa, foram criadas brigadas de artistas que, se valendo de variadas técnicas artísticas - sobretudo, teatrais, mas também musicais e plásticas -, viajavam pelo território soviético apresentando uma nova forma de periodismo, ativismo, pedagogia e arte, com variados procedimentos.

Até os dias de hoje, essas técnicas e procedimentos são estudados, refuncionalizados (termo de Bertolt Brecht que aponta para novos usos críticos do já existente), desenvolvidos e retrabalhados para uso em conflitos e novas

<sup>5</sup> Segundo o Relatório Violência Contra os Povos Indígenas do Brasil - dados de 2014, produzido pelo Conselho Indigenista Missionário (CIMI), apesar de os indígenas representarem apenas 0,4% da população, a taxa de suicídios entre eles corresponde a 1% do total do país.

demandas sociais, por artistas e grupos culturais que associam arte e cultura ao ativismo político. São exemplos de “refuncionalizadores” artistas como Bertolt Brecht, na Alemanha, e Augusto Boal com seu Teatro do Oprimido, no Brasil, dentre vários grupos de trabalhadores da Europa e dos Estados Unidos da América. Em suma, o Agitprop desenvolveu tecnologias de informação, modos de noticiar e métodos pedagógicos na medida em que se faz necessário dar a ver algo com arte, a fim de propor modos de politização consciente. Para tanto, as formas do Agitprop lidam com a alegoria, a narração, cenas curtas etc.

Vinte e sete de novembro de dois mil e catorze. Indígenas da etnia Munduruku, juntamente com ativistas do Greenpeace, usam pedras do fundo do Rio Tapajós para formar a frase “Tapajós Livre”, nas areias de uma praia às margens do rio de mesmo nome, próximo ao município de Itaituba, no Pará. A expressão só pode ser lida do alto - de um helicóptero ou um avião, por exemplo. O protesto ocorreu na região onde o governo pretende construir a primeira de uma série de cinco hidrelétricas na bacia do Tapajós. Uma roda de cerca de 60 indígenas é formada ao lado da frase de pedras.

Nesta ação, o grupo indígena se apoia na mesma tecnologia de controle de suas terras: cuida para que a ação seja vista do alto pelos mesmos helicópteros que circundam suas terras a fim de apropriar-se delas. O recado é direto, com destinatário evidente: quem sabe esse recado seja para todos nós que olhamos a terra desde nossos computadores, via Googleearth?

A luta indígena contra sua própria aniquilação iniciou-se durante a Conquista Europeia, no evento histórico denominado “colonização”. A “conquista” da América Latina produziu, por parte dos Povos Originários “conquistados”, técnicas de resistência e

sobrevivência. Esses povos tiveram, também, que (re)construir e (re)formar suas próprias culturas a cada novo conflito e situação de embate produzida no contato com o “colonizador”. Segundo o livro Terra Madura (2008), de autoria da antropóloga paraguaia radicada no Brasil Graciela Chamorro, os atos simbólicos dos guaranis em ações de resistência servem ao cumprimento do desejo de se verem novamente livres.

As ações simbólicas serviriam, pois, à libertação do espaço indígena de tudo aquilo que foi alienado de sua cultura originária ou que foi imposto pela colonização. Mas, libertar-se de que? Segundo Frantz Fanon, sobretudo da

violência que presidiu ao arranjo do mundo colonial, que ritmou incansavelmente a destruição das formas sociais indígenas, que arrasou completamente os sistemas de referências da economia, os modos da aparência e do vestuário, [e que] será reivindicada e assumida pelo colonizado [...] Fazer explodir o mundo colonial é doravante uma imagem de ação muito clara, muito compreensível e que pode ser retomada por cada um dos indivíduos que constituem o povo colonizado. Desmanchar o mundo colonial não significa que depois da abolição das fronteiras se vão abrir vias de passagem entre as duas zonas. Destruir o mundo colonial é, nem mais nem menos, abolir uma zona, enterra-la profundamente no solo ou expulsa-la do território. (FANON, 1968, p. 30)

Na atualidade da violenta situação histórica, política e econômica brasileira, investigamos quais são as estratégias e técnicas de lutas contra essa violência no campo simbólico - o campo da cultura – no modo como desenvolvidas por indígenas das mais variadas etnias do país, em prol de sua causa. Em entrevista, os guerreiros e guerreiras Mundurukus declararam que carregaram as pedras com firmeza, desde o fundo do rio, para mostrar que não vão abrir mão dele (BAITELLO, 2014).



Na reportagem “CIMI regional do MT reafirma luta contra destruição dos rios e pela demarcação de terras”, de vinte e quatro de julho de 2015, pode-se observar, na foto de abertura, as costas de um menino indígena em aparente situação de manifestação, com pinturas e adornos tradicionais. No centro da pintura corporal, se lê, escrito em preto e vermelho e ocupando quase todas as costas do menino, a palavra DEMARCAÇÃO.

À violência e à fome, à falta de demarcação de terras e ao confinamento em reservas que não compreendem as terras indígenas originais - além das ameaça de implementação da PEC 215 - estão submetidos todos os indígenas do país, com ou sem terra demarcada. Este contexto gerou e vem gerando mudanças nas práticas cotidianas das comunidades indígenas e em seus rituais. Dar a ver sua existência ameaçada de extinção em performances a serem registradas em fotografias e peças audiovisuais parece-se tornado ação importante para que o quadro se reverta. Desse modo, as práticas culturais tradicionais se viram acrescidas de práticas simbólico-culturais em conflito com a cultura e os símbolos de outra etnia - a branca -, de outra cultura - a dita “civilizada” - e de outro sistema socioeconômico - o capitalista -, todos estranhos aos povos originários do Brasil.

Tais imagens estão espalhadas e distribuídas, sem qualquer sistematização, em sítios da internet. A proposta da investigação descrita neste artigo é realizar uma pesquisa inédita que coletará e reunirá as várias imagens de luta em um acervo.

Acreditamos, por fim, que esta pesquisa produz pedagogia, especialmente se entendemos como pedagogia a

a “arte de aprender a ver abismos ali onde há lugares comuns”, na expressão de Karl Kraus. É aprender a ver todas as coisas sob o prisma do conflito, da transformação, da separação, da alteração. É também, na opinião de Bertolt Brecht, a arte de transformar e de multiplicar seus próprios meios para saber algo do mundo e agir sobre ele. (DIDI-HUBERMAN, 2008, p. 234)<sup>6</sup>

Trata-se de uma pedagogia da educação para a liberdade e a vida, onde pode-se transmitir e compartilhar estratégias, técnicas e modos de luta e manifestação por direitos básicos e pela sobrevivência dos povos originários do Brasil. Tais estratégias, técnicas e modos de luta - que envolvem produção artística e cultural e foram desenvolvidas e acumuladas por décadas - poderiam ser aprendidas e ressignificadas pelas gerações indígenas do futuro. Na atualidade, elas podem servir também a qualquer pesquisador(a) interessado(a), por exemplo, em técnicas de agitação e propaganda contemporâneas - como as criadas pelo Movimento Passe de Livre de São Paulo e colocadas em ação nas Jornadas de Junho de 2013, movimento que declarou a influência das manifestações indígenas em seus modos políticos de agir.

Quanto ao projeto ser realizado no âmbito da pesquisa universitária das artes cênicas, o motivo remete aos conhecimentos acumulados na área da representação, que podem gerar novos olhares sobre a corporalidade e a performatividade dos rituais indígenas em situação de luta pela terra. De modo dialético, uma via de mão dupla aponta para a contribuição dos estudos culturais indígenas com as artes cênicas, em especial com investigações do corpo engajado na transformação da realidade social.

<sup>6</sup>Tradução livre das autoras do artigo. Em espanhol: “el arte de 'aprender a ver abismos allí donde hay lugares comunes', según la expresión de Karl Kraus. Es aprender a ver todas las cosas bajo la perspectiva del conflicto, de la transformación, de la separación, de la alteración. Es también, en la opinión de Bertolt Brecht, el arte de transformar y de multiplicar sus propios medios para saber algo del mundo y actuar sobre él.”

## Bibliografia

BAITELO, Ricardo. Tapajós Livre: não à construção de hidrelétricas na Amazônia. 27 de nov de 2014. Disponível em: <http://migre.me/vhHag>. Acesso em: 29 de janeiro de 2016.

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história, p. 222-232. In: Magia e técnica, arte e política. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1987.

CHAMORRO, Graciela. Terra Madura, yvy araguyje: fundamento da palavra guarani. Dourados: Editora da UFGD, 2008.

CONSELHO INDIGENISTA MISSIONÁRIO (CIMI). Relatório Violência contra os povos indígenas do Brasil – dados de 2014.

DIDI-HUBERMAN, Georges. Cuando las imagenes tomán posición. El ojo de la historia, I. Tradução de Inés Bértolo. Madrid: Antônio Machado Libros, 2008.

FANON, Frantz. Os condenados da terra. Tradução de José Laurênio de Melo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

Recebido: 10/04/2016

Aprovado: 15/07/2016

Publicado: 21/10/2016